EDITORA ABRIL

N.º 948-B 02/AGOSTO/1988 Cz$ 300,00

PLACAR

20 VEZES CORINTHIANS

POSTER GIGANTE DOS CAMPEÕES DE 1988

A HISTÓRIA DOS VINTE CAMPEONATOS

UMA EDIÇÃO PARA CURTIR E VIBRAR

Os gols que Éverton (comemorando o primeiro dos 2 x 0 sobre o Santos, dia 17 de julho, ao lado de Biro-Biro) *marcou na fase final do Paulistã*

O CORAÇÃO DA FIEL TORCIDA

Desde que estragou a festa do São Paulo, marcando os gols do empate (2 x 2, o último aos 46 minutos do segundo tempo), dia 26 de junho passado, o meia Éverton ressuscitou sua fama de predestinado. Uma semana depois, o Corinthians derrotou o Santos por 3 x 2, com Éverton novamente fechando o marcador. Contra o mesmo Santos, ele abriu a vitória de 2 x 0 na partida de volta. Por essas e outras, Éverton Nogueira foi o grande herói alvinegro na fase final do Campeonato Paulista. ''Não tenho muita técnica'', faz uma auto-análise. ''Sou apenas um jogador oportunista.''

Ele conseguiu suportar a desilusão de ver seu passe colocado à venda, em abril passado, sem qualquer motivo. A imediata reação da torcida (que se identifica com seu espírito guerreiro) embaralhou a cabeça dos cartolas, que logo retiraram o jogador do mercado de vendas. Sorte do Corinthians: Éverton conseguiu mexer com o coração de toda a nação corintiana com a conquista do título. Este, sim, é um tremendo pé-quente

NELIO RODRIGUES

...aulistão lhe devolveram a fama de predestinado

Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Roberto Civita, Angelo Rossi, Edgard de Silvio Faria, Ike Zarmati, José Augusto P. Moreira, Plácido Loriggio, Raymond Cohen, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

PLACAR

Diretor de Grupo: Juca Kfouri

REDAÇÃO

Redatores-Chefes: Mário Sérgio Della Rina e Marcelo Duarte
Repórter: Ubiratan Brasil
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Chefe de Arte: Walter Mazzuchelli; **Diagramadores:** Alberto S.L. Magalhães, André Luiz Pereira, Rosalina Sasaki, Sérgio Prado Martins
Paste-up: José Dionisio Filho, José Jonas de Lima, José da Luz Tenório
Coordenador de Produção: René Santos Filho
Secretário de Produção: José Batista de Carvalho
Preparador de Texto: José Gustavo Vasconcellos
Produção: Sebastião Silva
Auxiliar de Produção: Roberto Barreiros Reis
Colaborador: Silvio Porto (fotografia)

Diretor Responsável: Osvaldo Franco Domingues Jr.

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

VINTE INESQUECÍ

1914 Fundado em 1910, logo o Corinthians se transformou num dos mais populares clubes da várzea de São Paulo. Disputou seu primeiro Campeonato Paulista em 1913 e já no ano seguinte chegou ao título — e invicto. Participaram do certame as equipes do Lusitano, Minas Gerais, Campos Elísios, Hydecroff e Germânia, todas filiadas à Liga Paulista. O artilheiro do Campeonato foi Neco (12 gols), um dos maiores jogadores do clube em todos os tempos, que defendeu o Timão de 1911 a 1930.

1916 Os mais fanáticos dizem que o Corinthians deveria ser proclamado tricampeão de 1914/1915/1916. Exagero, mas que tem certa lógica. Na verdade, o alvinegro não disputou o Campeonato de 1915 por divergências políticas. Mas que outro time poderia batê-lo naquela época? Campeão invicto em 1914, foi novamente campeão invicto em 1916. Participaram do torneio: Germânia, Internacional, Americano, Ítalo, Campos Elísios, Atlético, Aluminy, União Lapa, Maranhão, Lusitano, Minas, Paissandu e Ruggerone.

1922 O Campeonato de 1922 foi uma guerra: quem não queria ser o campeão do centenário da Independência do Brasil? Bom, querer, todos queriam, mas o campeão foi um só. Adivinhe quem? Na final, São Paulo entrou em festa com a vitória do Corinthians sobre o Paulistano por 2 x 0. Participaram do campeonato: Sírio, Palestra Itália, A.A. Palmeiras, Germânia, Minas Gerais, Internacional, Portuguesa, Santos, São Bento, Ipiranga e Paulistano. Foram 18 jogos, 14 vitórias, 2 empates e 2 derrotas apenas.

1923 Com a mesma formação do ano anterior — e idêntica com-

1914 — Em pé: Fúlvio, Casemiro do Amaral, Casemiro Gonzales; ajoelhados: Pollice, Bianco e César; sentados: Aristides, Peres, Amílcar, Dias e Neco

1916 — Em pé: Américo, Peres, Amílcar, Apar... Bianco e César; sentados: Fúlvio, Sebastião e...

1928/29/30 — (Time de 1930) Em pé: Tuffy, Nerino, Grané, Guimarães, Del Debbio e Munhoz; agachados: Filó, Neco, Perez, Rato e De Maria

1937/38/39 — (Time de 1937) José, Jaú, Bran... Carlos, Jango, Daniel, Carlinhos e Filó

ÍVEIS HISTÓRIAS

parício e Neco; ajoelhados: Pollice, e Casemiro

FOTOS ABRIL

1922/23/24 — (Time de 1924) Em pé: Gelindo, Rafael, Rueda, Colombo, Del Debbio e Ciasca; agachados: Peres, Neco, Pinheiro, Tatu e Rodrigues

andão, Teleco, Munhoz, Carlito,

1941 — Em pé: Jango, Dino, Chico Preto, Brandão, Ciro, Agostinho e o técnico Del Debbio; agachados: Tite, Servílio, Teleco, Joane e Milani

1952 No bicampeonato de 1952, o ataque dos 103 gols foi um pouco menos exagerado: marcou *apenas* 89 vezes, em 30 jogos (25 vitórias, 2 empates e 3 derrotas). Curiosidade: o único adversário que conseguiu sair de campo sem levar gol corintiano numa partida foi o pequeno Jabaquara, de Santos, que sustentou um suado 0 x 0 no primeiro turno. Mais uma vez, como em 1951, o Corinthians levantou o título com uma rodada de antecedência. Mas não deixou o São Paulo carimbar as faixas: enfiou-lhe 3 x 2.

1954 Inesquecível campeão do IV Centenário de São Paulo. De Gilmar, nem se precisa falar. Idário era só raça de espanhol valente. Roberto Belangero era técnica pura. Cláudio, o matemático, o calculista, o grande capitão. Seus centros saíam sob medida para Baltazar saltar. E, quando o Cabecinha de Ouro saltava, era gol certo. Luizinho, o Pequeno Polegar, ágil, inteligente, irreverente, mestre. Não perdia a oportunidade de enfiar a bola entre as pernas dos inimigos para simplesmente desmoralizá-los.

1977 O torcedor do Corinthians pode até não se lembrar do dia do aniversário da mulher. Mas não consegue esquecer uma data: 13 de outubro de 1977. Naquela noite, toda a população da cidade vivia um clima de euforia e tensão. O time iria enfrentar a temível Ponte Preta. Profético, o técnico Osvaldo Brandão avisa Basílio: "Você vai fazer o gol do título". Aos 37 minutos do segundo tempo, ele acaba com o pesadelo de 22 anos. São Paulo não era mais cinzenta — ficou preta e branca.

1979 Depois de ter superado o trauma do jejum na fila, a irreverência corintiana comemorou o

chegou ao bicampeonato em 1923. Foi assim toda a campanha alvinegra: 2 x 3 e 2 x 0 contra o Sírio; 0 x 1 e 4 x 0, Portuguesa; 4 x 1, Palestra Itália (o Palestra se recusou a jogar no returno); 3 x 0 e 1 x 0, A.A. Palmeiras; 4 x 0 e 5 x 2, Germânia; 2 x 0 e 2 x 1, Ipiranga; 3 x 1, Santos; 9 x 0, Internacional; 6 x 1 e 3 x 0, São Bento; e 3 x 3, Minas Gerais. O artilheiro: Gambarotta, 19 gols.

1924 Já estava ficando monótono: ano sim, outro também, Corinthians campeão. Deste modo, em 1924, viria o primeiro tricampeonato da história do clube. O time que vinha jogando junto desde o certame de 1922 continuou estraçalhando. Em 17 jogos, foram 12 vitórias, 1 empate e 4 derrotas. O ataque corintiano marcou 53 gols e sua defesa sofreu apenas 13. Participaram: Portuguesa, Germânia, Internacional, A.A. Palmeiras, Ipiranga, Santos, Brás Atlético, São Bento, Paulistano e Sírio.

1928 Foi o ano da compra do terreno do Parque São Jorge por 750 contos de réis. Foi o ano de mais um título paulista para a coleção alvinegra. Do goleiro Tuffy — apelidado Satanás — ao artilheiro Gambinha (16 gols), era uma brilhante equipe. Foram 14 jogos, com 11 vitórias, 2 empates e uma só derrota. Resultados: Portuguesa, 2 x 1 e 3 x 2; Sírio, 4 x 0 e 6 x 0; Ipiranga, 5 x 2 e 5 x 2; Santos, 3 x 1 e 2 x 3; Guarani, 5 x 1 e 3 x 1; Palestra Itália, 3 x 0 e 0 x 0; e Comercial Ribeirão, 1 x 1 e 2 x 0.

1929 Tempos difíceis no mundo todo, abalos econômicos internacionais, mas com o Corinthians não havia crise: bicampeão paulista invicto. O campeonato teve apenas um turno e oito participantes — convenientemente esmagados pelo esquadrão do Parque São Jorge. A Portuguesa amargou 7 x 1; o Ipiranga foi despachado com um 3 x 2; o Sírio caiu de 5 x 2; o Silex levou de 7 x 0; o Santos foi goleado por 4 x 1; o Guarani tomou de 2 x 0; e o Palestra Itália apanhou de 4 x 1. Sete vitórias, nem um empate sequer.

1951/52 — (Time de 1952) Em pé: Gilmar, Idário, Olavo, Goiano, Homero e Roberto; agachados: Cláudio, Luizinho, Baltazar, Carbone e Souzinha

1954 — Gil
Luizinho, C

1977 — Em pé: Zé Maria, Tobias, Moisés, Ruço, Ademir e Wladimir; agachados: Vaguinho, Basílio, Geraldo, Luciano e Romeu

1979 — Em pé: Jairo, Zé Maria, Amaral, Mauro,
agachados: Piter, Palhinha, Sócrates, Biro-Biro e

1983 — Em pé: Leão, Sócrates, Casagrande, Eduardo, Biro-Biro e Zenon; agachados: Mauro, Alfinete, Paulinho, Juninho e Wladimir

1930 No meio do jogo do primeiro turno, o Palestra Itália fugiu de campo. Se tivesse continuado a partida, quem sabe o Corinthians tivesse chegado a mais alguns golzinhos para juntar à coleção de 94 marcados na caminhada do tricampeonato. Naquele ano, o título foi decidido na Vila Belmiro. O Corinthians precisava apenas de um empate, e o Santos marcou 1 x 0. A virada foi impiedosa: a partida terminou 5 x 2. A campanha toda teve 20 vitórias, 4 empates e somente uma derrota, em 25 partidas.

1937 No primeiro Campeonato Paulista da era do profissionalismo, o Corinthians levantou o título com o mesmo amor à camisa que sempre mostrou. Estava aberto o caminho para o terceiro tricampeonato da vida alvinegra. Foi uma difícil jornada — o time só chegou à liderança na tabela quando faltavam três rodadas para o final, numa dramática vitória por 1 x 0 diante do Palestra Itália. No total, foram 14 jogos, com 10 vitórias, 2 empates e 2 derrotas. O ataque marcou 33 gols (15 de Teleco) e a defesa sofreu 12.

1938 O Corinthians passou por todos os seus adversários sem perder um único jogo. Chegou à decisão contra o São Paulo precisando só de um empate para se sagrar bicampeão invicto. Então, aconteceu um fato curioso: o São Paulo vencia por 1 x 0 quando, aos 22 minutos do primeiro tempo, uma tempestadade caiu sobre o Parque São Jorge. O jogo foi interrompido e dois dias depois os times voltaram para continuar a partida. Aí, uma cabeçada de Carlito pôs as coisas no lugar: 1 x 1 para o bicampeão.

4 — Gilmar, Rafael, Goiano, Homero, Idário, Alan, Nonô, Roberto, Simão,
zinho, Cláudio e o técnico Osvaldo Brandão

Mauro, Caçapava e Romeu;
o-Biro e Wladimir

1982 — Em pé: Solito, Sócrates, Ataliba, Casagrande, Zenon e Biro-Biro; agachados: Mauro, Daniel González, Alfinete, Paulinho e Wladimir

NELIO RODRIGUES

1988 — Em pé: Ronaldo, Márcio, Denilson, Marcelo, Édson e Dida; agachados: Biro-Biro, Éverton, Wilson Mano, João Paulo e Paulinho

xa bem debochada: "Já estou de saco cheio de ser campeão". Enquanto a dupla Sócrates e Palhinha comandava a equipe dentro de campo, o presidente Vicente Matheus fazia suas manobras nos bastidores. Conseguiu adiar a final para o início de 1980 e enfraqueceu o favorito Palmeiras — derrotado na fase semifinal. Na decisão, a vítima foi mais uma vez a Ponte Preta.

1982 O Corinthians começou o ano bem por baixo, na Taça de Prata. Com humildade, cresceu e acabou conseguindo um quarto lugar na Taça de Ouro. Depois chegou à final do Campeonato Paulista. Entrou em campo, dia 12 de dezembro, para decidir o título contra a "máquina" são-paulina. Era uma vitória da democracia implantada no futebol do clube. O Timão venceu por 3 x 1 e revelou ainda o centroavante Casagrande, o herói do jogo. Ele comemorou a vitória agitando uma bandeira que um torcedor lhe atirou.

1983 O Parque São Jorge respirava ainda o saudável ar da democracia corintiana. Na noite de 14 de dezembro de 1983, o Corinthians voltou a conquistar um bicampeonato. Aos 45 minutos do segundo tempo, Zenon deixa a defesa do São Paulo abobalhada com um toque de calcanhar para Sócrates, que chuta de mansinho para o fundo das redes. O gol enlouquece o Morumbi — o estádio não veria o empate do São Paulo aos 49. Todos tinham coisa mais importante para fazer: cantar bem alto o nome de seu bicampeão.

1988 Chegamos ao fim desta viagem. Corinthians campeão paulista pela 20.ª vez. O clube, é verdade, fez poucas contratações. Trouxe Denílson e os Paulinhos Carioca e Gaúcho. Mas provou que sua prata da casa também pode fazer milagre. Por isso, Marcelo, Ronaldo, Marcos Roberto, Márcio e Viola escreveram seus nomes na história corintiana. Juntos, com a experiência de Éverton e Biro-Biro, formaram um verdadeiro grupo de polivalentes e passaram por cima dos favoritos. Com a velha garra alvinegra.

1939 A história do terceiro tricampeonato — nenhum outro paulista foi tantas vezes tri — começou com uma goleada sobre o Juventus, na Fazendinha, por 6 x 0. Era o sinal de alerta aos adversários: o Corinthians não estava para brincadeiras. Até chegar à última partida (vitória de 4 x 2 sobre a Portuguesa santista, já em janeiro de 1940), o alvinegro disputou outros 18 jogos. No total, foram 17 vitórias, 2 empates e 1 mísera derrota. Teleco marcou 32 dos 63 gols do time. A defesa deixou passar 16.

1941 Em 1940 havia sido inaugurado o Pacaembu, um estádio à altura das equipes paulistas da época. Naquele ano, o Corinthians terminou em quarto lugar. Não era possível que ficasse muito tempo para se sagrar campeão no novo palco. Em 1941, a pequena espera terminou. Líder de ponta a ponta durante todo o certame, o Corinthians entrou em campo na última partida para receber as faixas do Palmeiras. Perdeu o jogo (0 x 2) e a invencibilidade, numa pequena concessão aos eternos rivais de verde.

1951 Quantos times, em apenas 28 jogos, são capazes de marcar 103 gols? No mundo inteiro, num campeonato de verdade, bem poucos. E um time capaz de tal proeza só tem de chegar ao título, como este Corinthians de 1951. O ataque arrasador vivia na ponta da língua de qualquer corintiano: Cláudio, Luizinho, Baltazar, Carbone e Mário. Naquele ano, nenhum inimigo saiu do campeonato sem levar pelo menos quatro gols diante das feras: Carbone marcou 30 vezes, Baltazar 25, Cláudio 18, Luizinho 13...

A GALERIA DOS HERÓIS DO TIMÃO

Ronaldo Soares Giovanelli, 20 anos (20/11/1967), goleiro, 1,86 m e 82 kg, paulistano

Carlos Roberto Gallo, 32 anos (4/3/1956), goleiro, 1,88 m e 79 kg, paulista de Vinhedo

Édson Boaro, 29 anos (3/7/1959), lateral-direito, 1,73 m e 67 kg, paulista de São José do Rio Pardo

Marcelo Kiremitdjian, 21 anos (6/11/1966), zagueiro-central, 1,81 m e 76 kg, paulistano

Denílson Xavier de Azevedo, 22 anos (7/3/1966), quarto-zagueiro, 1,85 m e 82 kg, carioca

José Eduardo de Souza **(Dama),** 23 anos (8/4/1965), zagueiro, 1,85 m e 82 kg, paulista de Brotas

Luís Eduardo **Pinella,** 22 anos (23/4/1966), zagueiro, 1,82 m e 76 kg, paulista de São Bernardo do Campo

FOTO ORLANDO KISSNER

Ariovaldo Guilherme **(Ari Bazão),** 19 anos, (2/8/1969), zagueiro, 1,78 m e 76 kg, paulista de Jaú

Marco Aurélio Morais dos Santos **(Dida),** 22 anos (26/10/1965, lateral-esquerdo, 1,78 m e 75 kg, paranaense de Ponta Grossa

Aílton Bezerra da Silva, 24 anos (12/6/1964), lateral-esquerdo, 1,75 m e 71 kg, mineiro de Passos

Antônio José da Silva Filho **(Biro-Biro),** 29 anos (18/5/1959), volante, 1,76 m e 71 kg, pernambucano do Recife

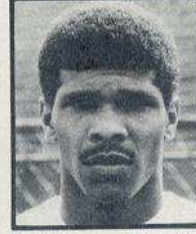
Éverton Nogueira, 28 anos (12/12/1959), meia-esquerda, 1,76 m e 69 kg, paranaense de Florestópolis

Wílson Carlos **Mano,** 24 anos (23/5/1964), médio-volante, 1,81 m e 75 kg, paulista de Auriflama

Henrymárcio Bitencourt **(Márcio),** 23 anos (19/10/1964), meia-direita, 1,77 m e 70 kg, paulista de São José dos Campos

Edmundo Francisco da Silva Farisco, 23 anos (20/12/1964), meio-campista, 1,72 m e 70 kg, paulistano

Paulo César Silva **(Paulinho Gaúcho),** 21 anos (20/8/1966), ponta-direita, mato-grossense-do-sul de Ladário

Paulo Sérgio Rosa **(Viola),** 19 anos (1.º/1/1969), centroavante, 1,75 m e 72 kg, paulistano

Marcos Roberto Sampaio Pimenta, 21 anos (11/4/1967), centroavante, 1,78 m e 74 kg, paulistano

Edmar Bernardes dos Santos, 28 anos (20/1/1960), centroavante, 1,75 m e 72 kg, mineiro de Araxá

Valdir de Lima Gonçalves **(Dicão),** 24 anos (2/9/1963), centroavante, 1,83 m e 75 kg, paulista de Araçatuba

João Paulo de Lima Filho, 31 anos (15/6/1957), ponta-esquerda, 1,69 m e 70 kg, fluminense de São João de Meriti

Paulo Roberto Ferreira Primo **(Paulinho Carioca),** 24 anos (24/3/1964), ponta-esquerda, 1,70 m e 67 kg, carioca

FOTOS SILVIO PORTO

Jair Pereira da Silva, 42 anos (29/5/1946), ex-meio-campista, é técnico desde 1982, carioca

CORINTHIANS

CAM

MPEÃO PAULISTA 1988

Em pé: Ronaldo, Márcio, Denílson, Marcelo, Édson e Dida; agachados: Biro-Biro, Éverton, Wílson Mano, Jo

João Paulo e Paulinho Carioca